

A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA ASCENSÃO DO HOMEM COMO SER SOCIAL¹

SILVA, Francisco Jonas Lopes da²

¹ Artigo apresentado a disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica I, ministrada pelo professor Derivaldo Santos.

² Graduando do curso de Pedagogia Licenciatura Plena 9º semestre, pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará (FECLESC – UECE). Jonas.ocara@bol.com.br. Quixadá – Ce, 16 de maio de 2012.

Introdução

Este trabalho pretende discorrer de forma sucinta, sobre como se apresentou a educação no contexto da ascensão do homem como ser social. Com o intuito de contextualizá-la e identificar sua influência neste processo no decorrer da história. Nos fundamentaremos basicamente nos trabalhos de José Paulo Netto e Marcelo Braz (2008), Mario Alighiero Manacorda (2006), Sergio Lessa, Dermeval Saviani (2008) , dentre outros. Optamos por esse objeto de pesquisa pelo fato de ser de suma importância conhecer a história da educação, assim como a sua influência na história do homem, sendo este trabalho a nosso ver, fundamental para que as gerações atuais e futuras venham a encontrar base para a construção de sua história e para a transformação de sua realidade.

Desde os primórdios o homem vive em constante luta pela sobrevivência, e isso fez com que ele não parasse de descobrir e transformar a sua realidade e a si mesmo. Nesta luta ele buscou meios de suprir as suas necessidades, meios esses que só foram possíveis de encontrar mediante uma estreita relação com a natureza, esta interação lhe possibilita se apropriar dela e a transformar em seu próprio benefício. Jonas Lopes, no artigo EDUCAÇÃO E TRABALHO: A base da história do homem faz esta colocação;

No primitivismo o *homo sapiens* viveu em constante luta pela sobrevivência e precisava se defender dos outros animais. Então ele se apropriou da natureza e a transformou em seu próprio benefício. Utilizando, por exemplo, uma pedra pontiaguda amarrada a um pedaço de madeira, criando assim uma lança que pode ser usada no combate com seus inimigos e na busca por alimento. (2009).

Assim, como ao sentir frio o homem tinha a necessidade de calor, e foi essa necessidade que o levou a buscar meios de supri-la, foi então que ele descobriu o fogo e o dominou. Essa descoberta lhe propiciou um salto muito grande no seu modo de vida o colocando um pouco mais a frente dos demais seres, suprimindo a falta de calor e deixando de comer carne crua como os outros carnívoros.

Nos dois exemplos acima citados há a apropriação da natureza pelo homem, onde ele a modifica e é também modificado por ela. Esta ação vem a ser o que denominamos de trabalho, e é através dele que o homem é capaz de romper os laços biológicos impostos pela natureza e se ver capaz de agir sobre a sua própria história.

Esta apropriação, assim como a transformação da natureza, leva o homem a descobrir a sua maior força de ação sobre o meio que o rodeia, o trabalho, que a partir de então será determinante para o seu progresso como ser peculiar em relação aos outros seres. A descoberta do trabalho é sem dúvida o início de um ciclo infinito de descobertas, sendo ele atividade exclusivamente humana, por que diferente da atividade exercida pelos outros animais que é de fundo exclusivamente genético (biológico), o trabalho exercido pelo ser humano é feito de maneira articulada e só se configura como tal quando ele consegue idealizar algo em sua mente através da *prévia-ideação*, nos termos de Lukács, e posteriormente concretizar o que foi idealizado transformando a matéria orgânica ou inorgânica em objeto concreto e palpável. NETTO e BRAZ trazem algumas reflexões de Marx sobre o trabalho;

[...] O trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...] Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho. [...] Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma

aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste já existiu na mente do trabalhador, e por tanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural, seu objetivo. [...] Os elementos simples do processo de trabalho são a atividade orientada a um fim ou o trabalho mesmo, seu objeto e seus meios. [...] O processo de trabalho [...] é a atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, [...] comum a todas as suas formas sociais (Marx, 1983: 149-150, 153).

O trabalho trás ao homem a condição de ser pensante capaz de idealizar seu futuro, absorver informações e de transmitir essas informações aos outros, ou seja, “*A partir das experiências imediatas do trabalho o sujeito se vê impulsionado e estimulado a generalizar e a universalizar os saberes que detém.*” (NETTO; BRAZ, 2006, P.33). Essa transmissão de saberes requer do *homo sapiens* uma maior articulação de idéias e de códigos que vão além dos adquiridos geneticamente, isso conseqüentemente o conduzirá a comunicação propriamente dita, que é adquirida no “*âmbito do ser que trabalha*”. (idem, ibidem). A comunicação, portanto é fundamental para que, este ser estabeleça as relações necessárias ao desempenho do trabalho.

É interessante destacar o caráter coletivo do trabalho, que sem ele, seria impossível se conseguir efetivamente os resultados idealizados pelo seu executor, pois no trabalho o homem sempre dependerá do outro, esta é a essência desta atividade tão humana, como bem coloca Netto e Braz:

O trabalho é, sempre, atividade coletiva: seu sujeito nunca é um sujeito isolado, mas sempre se insere num conjunto (maior ou menor, mais ou menos estruturado) de outros sujeitos. Essa inserção exige não só a coletivização de conhecimento, mas sobretudo implica convencer ou obrigar outros à realização de atividades, organizar e distribuir tarefas, estabelecer ritmos e cadências etc.

Esta coletivização do conhecimento é de fundamental importância para que o homem se desenvolva em sociedade, e o ato de convencer ou obrigar os outros a realizar tarefas inerentes ao trabalho, desencadeia uma série de complexos sociais, tais como: as desigualdades sociais; as classes sociais, e as relações de poder, que se perpetuam de época em época.

Em toda a ação do trabalho o sujeito faz mediante um processo educativo, caracterizado principalmente pela organização das idéias e das ações e sempre junto com os de sua espécie, isso vem a ser o marco do surgimento da vida em sociedade, que nas palavras de Maria de Lourdes Rangel Tura, e segundo Durkheim;

Se constitui como um organismo ou um sistema organizado em estruturas (órgãos), que realizam funções diferentes e especiais e que se integram em uma forma de cooperação baseada na partilha de regras, valores e normas... Tem uma gênese histórica que possibilita a constituição de um patrimônio de idéias, sentimentos e normas de gerações passadas... Assim; a sociedade que é uma obra coletiva de gerações que se sucedem e organizam formas de conhecimento e de ação que se impõem aos indivíduos. (TURA, p. 43).

Assim, quando ele percebe que vivendo em sociedade a sobrevivência se tornará muito mais fácil, passa então a usufruir dos benefícios propiciados por essa nova condição, isso o faz dar um salto extraordinário no seu desenvolvimento como ser detentor da inteligência. Começa a emergir um novo sujeito diferente do que se apresentava até então, agora modificado pela sua própria ação sobre a natureza, sujeito este que se torna capaz de romper os vínculos estritamente biológicos que mantinha com ela, e passa a exercer um papel de caráter dominador sobre esta. Este vem a ser o **ser social**, que é forjado em meio às relações que ele próprio estabelece com os outros homens na ação do trabalho.

Com o surgimento deste ser social , o homem passa a produzir novos tipos de relações, onde prevalecem os aspectos de dominação e opressão, complexos sociais estes que tendem a prevalecer e se perpetuar entre as sociedades.

O homem, contudo, não nasce como ser social, ele é construído nas relações sociais, e segundo Durkheim, se divide entre dois seres, o *ser social*, que é dirigido por determinações e normas do grupo social. E o *ser individual*, que é o ser inato, que ainda não foi influenciado pelo meio e obedece aos seus próprios instintos e emoções, este último é sucumbido de certa forma pelos grupos que constituem a sociedade, que tentam impor sobre ele as regras que o norteiam e são eles “*que irão progressivamente fazer com que o indivíduo internalize um conjunto de maneiras de ser, de pensar e agir que são próprios de seu meio*”. (idem, ibidem).

A educação neste âmbito tem o poder de transformar este ser social, tomando-o como *uma tabula rasa* e o lapidando nos moldes da sociedade determinante de cada época, obedecendo às determinações da coletividade que é a característica mais marcante da vida em sociedade, sendo que sem esse caráter coletivo existente nas relações humanas seria impossível existir sociedade. Assim um dos fins da educação é manter ou perpetuar os valores, costumes e conhecimentos de uma dada sociedade, buscando mecanismos de mantê-los para assegurar a sobrevivência da própria organização societária.

Com o surgimento do ser social aumenta significativamente a busca pelo conhecimento. Com o intuito de viver cada vez melhor, o homem passa a produzir e reproduzir esse conhecimento, fazendo assim educação, esta vem a ser um resultado da vida em sociedade, sendo, por tanto como diz Durkheim, “*um fato social*”, suscetível é claro as transformações do homem e desta sociedade. Assim todos os povos;

estabelecem um conjunto de praticas educativas, que se constituem em fatos perfeitamente observáveis, em instituições sociais...pela observação histórica, Durkheim analisou diferentes realidades sociais... onde se verificou que a prática educativa acompanhou as transformações sociais que foram sendo forjadas lentamente e no bojo dessas mudanças uma nova concepção de homem e sociedade se produziu... na observação histórica o que se distingue é que a educação tem variado com o tempo e o meio.(idem, p. 48).

Podemos confirmar o que diz Durkheim, ao analisarmos o exemplo do Brasil. Como somos uma nação colonizada, foi através dela, por volta de 1500 e mais precisamente em 1549 que a educação foi inserida em nosso país, com a chegada dos jesuítas, que foram enviados para cá com o intuito de aculturar o povo que habitava essas terras, os índios, e que já tinha a sua própria forma de educação. Os colonizadores utilizavam a catequese como mecanismo de aculturação, como bem coloca Dermeval Saviane no livro *História das Idéias Pedagógicas no Brasil*;

a educação enquanto aculturação, isto é, a inculcação nos colonizados das pátrias, técnicas, símbolos e valores próprios dos colonizadores; e a catequese entendida como difusão e conversão dos colonizados à religião dos colonizadores.... há uma estreita simbiose entre educação e catequese na colonização do Brasil. Em verdade a emergência da educação como um fenômeno de aculturação tinha na catequese sua idéia-força, o que fica claramente formulado no regimento de Dom João III estatuído em 1549 e que continha as diretrizes a serem seguidas e implementadas na colonização brasileira no primeiro governo geral.(2008, p. 29-30).

Este era o contexto daquela época no Brasil, mas é notório que a forma como a educação foi inserida em nosso país, se reflete negativamente na atualidade comprometendo o desenvolvimento pleno de sua economia e de seu povo

O certo é que educação se faz presente em todos os momentos da história, até mesmo nas sociedades mais rudimentares é possível se observar a presença da prática educativa, como forma de transmitir para as novas gerações os conhecimentos adquiridos pelo grupo social, ao qual o indivíduo se encontra inserido.

Este fato social chamado de educação jamais poderá ser entendido como fato isolado dos demais fatos sociais, pois ele faz parte de todo o processo de evolução humana e é responsável assim como o trabalho, pelos avanços alcançados até então pelo *homo sapiens*, sendo que se o homem parar de produzir educação, também irá parar de trabalhar.

Pela observação histórica da vida do homem, somos capazes de entender todo o seu percurso, no entanto não devemos viver presos a história, mas devemos sempre que necessário recorrer a ela para assim conseguirmos construir a nossa própria forma de conviver em sociedade, e possibilitar ao ser humano continuar a produzir e reproduzir a sua própria existência.

BIBLIOGRAFIA

MANACORDA, Mario A. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 2006.**

NETTO, José Paulo, BRAZ, Marcelo, **Economia Política: uma introdução crítica.** 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LESSA, Sergio. **História e Trabalho.** Disponível em, WWW.sergiolessa.com.br, acesso efetuado em 11/01/2009.

LIMA, Marteana Ferreira, **Trabalho e construção do ser social: primeiras aproximações.** Tudo@ler, órgão informativo do centro de educação/UECE, ano VII nº 31 e 32, (janeiro-junho de 2008), Fortaleza-Ce.

TURA, Maria de Lourdes Range, **Durkheim e a Educação.** Coleção educação e sociedade, sociologia para educadores.

DERMEVAL, Saviani, **História das idéias pedagógicas no Brasil.** 2ª Ed. rev. e ampl. – Campinas, SP: Autores associados, 2008.